

A EDUCAÇÃO NO *TEETETO* DE PLATÃO: UM ESTUDO SOBRE A EPISTEMOLOGIA DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM

Hedgar Lopes Castro¹

RESUMO: O presente artigo tratará da educação intelectual como temática central do *Teeteto* de Platão. Em uma perspectiva de ensino e aprendizagem das ideias, pretende-se apontar como a maiêutica, a arte do parir, pode transformar um homem que nada conhece ou que conhece apenas ilusões falsas em alguém que conhece verdadeiramente. O caráter da verdade das coisas é o objeto central da dialética, que procura, ademais, verificar como o homem pode descobrir, por si só, aquilo que é Uno dentro da multiplicidade de conhecimentos que possuímos, os quais podem ser considerados, na verdade, meras impressões e opiniões. Não nos situando apenas no campo delas, é necessária, sob a inspiração platônica no *Teeteto*, uma educação intelectual tal que possa fazer-nos alcançar o conhecimento, descobrindo, assim, a verdade. Para isso, é fundamental a arte dialética, que serve como luz à busca permanente do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Conhecimento; Dialética; Maiêutica; Educação.

ABSTRACT: The present article will treat the intellectual

education like central theme of the Plato's *Teeteto*. In a perspective of teaching and learning of ideas, intend to point to appear like maieutic, the art of give birth, can change a man who nothing knows or that whom knows only false illusions in someone that really knows. The character of the truth of the things is the central object of the dialectic, that looks, moreover, to verify how the man can discover, by himself, what it is One inside the multiplicity of knowledges that we have, which can be considered, in truth, mere impressions and opinions. In not situating only in the field of them, is necessary, under the Platonic inspiration in the *Teeteto*, an intellectual education such that can make us reach the knowledge, discovering, so, the truth. For that, the art of dialectic is fundamental, which serves as a light to the permanent search of the knowledge.

KEYWORDS: Knowledge; Dialectic; Maieutic; Education.

INTRODUÇÃO

A maiêutica — em grego, *maieutiké*, a arte do parto — é introduzida por Platão no início do *Teeteto* para apresentá-lo como principal método de Sócrates, no que tange ao ensino e à aprendizagem, ou à educação intelectual. Na primeira parte desse trabalho, expõe-se o papel do outro (como interlocutor) para o alcance do verdadeiro conhecimento. Em primeiro lugar, faz-se referência às falsidades e fantasias como extração primeira de todas as respostas que Teeteto dá às questões de Sócrates, passo a passo, a fim de descobrir, inclusive, quais são as virtudes que merece o seu interlocutor. Em segundo lugar, a maiêutica se apresenta como método capaz de distinguir o múltiplo do uno, e nesse sentido entra preponderante da dialética, já que esta se constitui como o método que representa a caminhada em si da ignorância ao conhecimento último ou supremo (o Bem). O primeiro capítulo se propõe, então, a investigar a relação entre maiêutica e possibilidade do conhecimento, passando por todos os obstáculos a isso. E gira em torno da seguinte questão: tendo em vista que a maiêutica é um método a extrair da alma o que lhe é legítimo e verdadeiro, como ela se relaciona com o conhecimento humano?

Na segunda parte desse trabalho, a maiêutica será explorada dentro do *Teeteto*, sem pretensão de exaustão, especificamente em torno da distinção entre opinião falsa e verdadeira para responder como o conhecimento pode ser definido. Porém, é necessária uma ressalva. Segundo Samuel Scolnicov (2006), o parto das idéias (*eidos*) só é

realizado, no *Teeteto*, em duas ocasiões: a primeira resposta — conhecimento é sensação — é confusa, e está desprovida da consciência plena de seu significado por parte de Teeteto; a segunda — conhecimento é opinião verdadeira — traz tão somente um aposto à primeira, além de também se mostrar-se insuficiente mediante refutações; a terceira e última — conhecimento é opinião verdadeira acompanhada da razão — apenas enxerta a razão à opinião, e esta certamente não tem o mesmo compromisso com a verdade como aquela. A maiêutica aqui abordada não se destina à análise dessas respostas, significando elas os resultados mais palpáveis do parto intelectual: um parto que expõe respostas que não ultrapassam o nível de hipóteses; sem o alcance de uma definição do conhecimento, trata-se de um diálogo aporético.

Scolnicov (2006) esclarece, ainda, que a maiêutica é uma arte utilizada para dois fins diferentes: o primeiro é esclarecer as opiniões propostas, tornando claras quais implicações práticas e teóricas elas possuem; o segundo é examinar as opiniões expressas em sua verdade ou falsidade, visando à destruição daquilo que foi descoberto como sendo falso. Assim, à segunda parte desse trabalho é dedicada uma explicitação dos impactos e alcances, no intelecto e na sensibilidade, que a maiêutica proporciona ao homem que queira elevar a sua opinião ao patamar de conhecimento. Parte-se da seguinte questão: como a maiêutica interfere e impacta cada etapa do processo dialético que visa ao conhecimento propriamente dito?

1. NATUREZA DA MAIÊUTICA NO TEETETO

Nos parágrafos que se seguem, será demonstrado que a arte maiêutica não está comprometida com um conhecimento concluído ou perfeito: não inicialmente, mas procura atingi-lo, ao lado da arte dialética. Nessa esteira, ela busca o conhecimento partindo do pressuposto de que há a ignorância e a importância desta é fundamental, um fato que indica que seria impossível, sem a maiêutica, qualquer relação entre homem e realidade, entre sentir e pensar, tanto como o próprio significado de um diálogo estaria inviabilizado.

No princípio do *Teeteto*, Sócrates aponta para a maiêutica como instrumento diretamente relacionado à questão e à possibilidade da sabedoria no homem: do que é verdadeiro e correto como sendo — em meio à multiplicidade de saberes trazidos à luz diante de um questionamento ingênuo, como, por exemplo, o que é a geometria? — A verdade, jamais a fantasia (151c). A resposta a essa questão certamente não se dá em definitivo: o respondedor — Teeteto, no caso — lança mão de suas opiniões a respeito do conceito ou do tema e nunca chega a uma conclusão definitiva em sua fala. Essa resposta, baseada em opiniões, é descartada e detratada por Sócrates, geralmente, visto que não revela nenhuma legitimidade a alcançar-se à condição de verdade, ou capaz de transmitir o verdadeiro entendimento do que foi perguntado ou do assunto ou o conceito que necessita esclarecer-se. A legitimidade só passa a crescer-se da interlocução entre questionador e respondedor quando Sócrates usa a maiêutica para auxiliar o seu interlocutor, pois é ela que faz reluzir

o extraordinário dentro do ordinário, ou o uno dentro do múltiplo. Sócrates, assim, busca auxiliar Teeteto no descobrir de uma resposta verdadeira, pois somente nessa medida poder-se-á declará-lo conhecedor de alguma coisa.

Segundo Maria Teresa Schiappa, à possibilidade do conhecimento a autoconsciência é fundamental; pois é nessa autoconsciência que se encontram as experiências comuns que aprofundam a dimensão dos interlocutores de um diálogo, até mesmo abrindo a possibilidade de que um diálogo instale e cultive virtudes que cuidam do corpo e da alma de cada qual¹. Pode-se dizer, nesse sentido, que faz parte do processo de conhecimento, necessariamente, o outro: a comunidade está em estrita relação com a alma e com a sua potencialidade de conhecer e descobrir, a partir do seu intelecto, a virtude de conhecer exatamente aquilo que é, seja isso a falsidade, seja a verdade.

A pesquisa por essa descoberta sobre o que as coisas são é, conforme o exame da história da filosofia que faz Nicola Abbagnano (1976), totalmente intelectual: Sócrates não ensina as coisas que Teeteto pode descobrir. Uma estranha educação se ergue como característica da maiêutica: uma educação que preza pela ignorância do outro, para que nele a ausência se faça presença. Apesar de não ver e ter claro naturalmente o próprio conhecimento, o homem pode fazê-lo, mas não sem o auxílio de um interlocutor. Essa defesa da relação com o outro, defendida por Platão no que diz respeito à emersão da sabedoria e do conhecimento, através do diálogo de Sócrates com os seus interlocutores, se contrapõe, ainda segundo Abbagnano, à perspectiva dos sofistas, que não primava pelo conjunto dos homens nesse

processo puramente intelectual, mas pelo individualismo radical (1976, p. 122). Sócrates, de fato, não desiste em momento nenhum de estabelecer a interlocução para, aos poucos, extrair do intelecto de Teeteto o que há de mais original: está sempre à disposição a saber mais e mais o que ele tem a dizer, por isso insiste tanto nas perguntas e nunca se contenta com as respostas a ele oferecidas pelo jovem rapaz.

A maiêutica socrática não é inócua: ela causa dores em todo homem que se sente em conflito com relação ao que vai dar à luz. De tais dores, Sócrates fala em diversos momentos (148e; 149d; 151a-b). Em primeiro lugar, elas atestam a favor de que a relação com os outros inevitavelmente contribui para as falsidades e fantasias que podem surgir ou instalar-se na alma: as dores nada mais são do que dúvidas que essas coisas provocam no momento do parto. É muito preocupante esse fator, mormente porque a sabedoria, para Platão, tem íntima ligação com a verdade, não com a falsidade e fantasia. Em segundo lugar, as dores do parto intelectual que Teeteto e quaisquer interlocutores sofrerão no percurso maiêutico servem para mostrar que a alma pode e precisa ser reeducada e que não há uma resposta pronta ou moldada na qual é necessário chegar. Apesar das perguntas que Sócrates apresenta constantemente, o diálogo constitui-se em uma riqueza de caminhos a serem perseguidos; Teeteto se dispõe a responder tudo que Sócrates pergunta como que cultuando o seu poder. Sim, porque Sócrates detém pelo menos dois poderes que contradizem a esterilidade que ele mesmo assume intelectualmente: o conhecimento da maiêutica e o de seus princípios. É por meio dela que

Sócrates se inspira — porque é o seu método — a efetuar todas as suas intervenções no diálogo; logo, ele não está na situação de total ignorância.

O método maiêutico ressalta, principalmente, o quanto o interlocutor conhece, pondo à prova o conhecimento que ele diz ter ao ser inquirido, pois incita a uma demonstração clara. Assim, a maiêutica não apenas faz deflagrar o conhecimento e as virtudes do interlocutor, mas também outras virtudes que o ladeiam. Porém, acerca desse papel da maiêutica, Victor Goldschmidt (2002) acrescenta que o aluno, se se mantém em uma postura orgulhosa e não se abre ao conhecimento além de sua crença ou opinião sobre determinado assunto, torna inútil e vã o esforço e a ciência do mestre. Assim, a maiêutica não apenas tem o mérito de alavancar as virtudes e o conhecimento do interlocutor, mas parte do pressuposto de sua ignorância como algo que deve ser confessado, para que Sócrates, como interlocutor, possa considerar as respostas de seu interlocutor até o momento em que ela caia em *aporia*³.

No diálogo, Sócrates pergunta a Teeteto se o aprendizado não conduz à sabedoria, em uma perspectiva de acrescentar-se conhecimento especificamente a respeito daquilo que já se sabia (145a). Teeteto, por sua vez, mostra ter grande conhecimento sobre a geometria, e com ela sobre a harmonia, o cálculo e a astronomia. Nisso está implícito que o conhecimento é particularizado: há conhecimento em diversos ramos. Entretanto, não está considerado nisso o que é conhecimento em si. A maiêutica aqui se introduz para distinguir conhecimento particular de conhecimento em si, tendo-se principalmente em vista o que é o conhecimento

em si, de modo uno, contemplado sob a forma (*eidōs*), não múltiplo, que levaria a falsas crenças e opiniões, cuja análise será feita mais tarde.

Em relação a essa multiplicidade, cujas características não são próprias da alma e que não se quer atingir no diálogo, movido e circunstanciado pela dialética² própria do método platônico, Victor Goldschmidt (2002) alerta para o quanto é frequente a confusão entre sabedoria e ciência dentro do diálogo *Teeteto*, como se a ciência da dialética, que visa, em Platão, ao Bem — a uma instância suprema de conhecimento — fosse equivalente às outras ciências, cuja reunião do conhecimento proporcionaria ao homem a sabedoria. É um alerta que diretamente atina para o rechaço do conhecimento como multiplicidade e para a importância da dialética⁴, a qual não se pode confundir com o objeto fundamental do diálogo, o conhecimento, pois de modo algum se lhe equivale. A suposição de tal equivalência deve-se a que a natureza da dialética é também o conhecimento, pois o busca e o gera permanentemente; mas é reprovável fazer disso uma equivalência entre eles. A dialética apenas torna-se importante no diálogo na medida em que da ignorância, uma vez admitida, se alça, de fato, ao conhecimento.

Por outro lado, em comparação à atividade do parto, a maiêutica é mais árdua e nobre porque Sócrates tem o trabalho de saber, entre seus filhos, quais são verdadeiros e quais são falsos, como já foi dito anteriormente. O homem e a alma são os dois objetos da maiêutica, nunca os corpos. Ou seja, o interlocutor de Sócrates experimenta a arte da maiêutica não apenas para que sua alma conceba algum

conhecimento, mas também para que ele possa distinguir, dentre as crenças e opiniões de cada indivíduo, o que em sua alma é legítimo e verdadeiro, ou falso e quimérico. A maiêutica é estéril, não inventa nem cria nada; leva em conta e faz surgir apenas o que já está na alma. Toda invenção que por ventura o interlocutor de Sócrates pode fazer já é parte de sua alma, portanto. Se um conhecimento é obtido por causa do parto maiêutico, jamais o interlocutor pode ousar dizer que tal conhecimento foi obtido por sua própria causa; se ele o fizer, estará incorrendo certamente na ignorância, trocando a verdade por fantasia e mentira. E se porventura a arte maiêutica não fecundar o conhecimento do interlocutor, o mestre que a realiza transfere aos sábios essa função.

A melhor via pela qual a maiêutica opera para distinguir os falsos ídolos do nobre nascimento, por meio da eclosão de ideias, é pelo questionamento; o critério desta via é tomar a verdade como debeladora de quaisquer fantasias, quimeras e falsidades que possam aparecer nessa caminhada. Além de questões, Sócrates também opera a maiêutica com exemplos contrapostos às definições tradicionalmente conhecidas que seu interlocutor, Teeteto, apresenta. Um exemplo disso dá-se quando Sócrates, ao comparar a ação do vento sob dois objetos diferentes, diz: “Então, como dizemos que é o sopro de vento, em si mesmo? Que é frio ou que não é frio? Ou, persuadidos por Protágoras, diremos que é frio, para quem sente frio, e não é frio, para quem não o sente frio?” (152b). Nessa passagem está implicado o seguinte: a maiêutica procura delimitar o gênero das coisas (a temperatura, por exemplo) e a relatividade da realidade (o fato de algo estar ora frio, ora quente, por exemplo). Disso pode-se depreender

uma questão central para o conhecimento: tudo que aparece pode ser entendido como transitoriedade e movimento. Importa aqui ressaltar não que a realidade experimentada é a aparência, mas que a maiêutica tem o poder de trazer isso à luz e à consideração da alma.

Um último aspecto daquilo que é capaz a maiêutica, ainda quanto ao movimento da realidade, é a associação do que é conhecimento com o que não o é; em outras palavras, a maiêutica permite vir à luz aquilo que, anteriormente denominado falso, também ganha estatuto de ser reconhecido como parte integrante do que logo poderá ser considerado como verdadeiro, no que tange à questão central do *Teeteto*: “o que é conhecimento?”. Só assim, fazendo as devidas distinções e rechaçando o que não pode, definitivamente, ser conhecimento, a maiêutica pode resultar no fruto que da alma de Teeteto vai nascer. Certamente o método maiêutico faz investigar a verdade que há na questão do conhecimento, em contraponto ao seu oposto em termos intelectuais: a falsidade. Se podemos considerar que Teeteto está nobremente vazio — sem afirmar suas crenças e opiniões como se fossem verdades — para produzir novas verdades, ele imediatamente sai do estado ignorante que supõe conhecer algo que não é, com certeza, o que realmente conhece; este seria o estado característico de quem se relaciona com falsos ídolos, ostentando, portanto, um falso sucesso. É necessário agora fazer um exame mais específico e detalhado acerca do que essas opiniões e crenças fazem na alma de um indivíduo, qual o seu impacto ao alcance do conhecimento e por que elas sobrevivem ou se mantêm sólidas, ainda que a verdade lhe seja ensinada e mostrada maiêutica e luminosamente.

2. MAIÊUTICA EM RELAÇÃO ÀS OPINIÕES E CRENÇAS FALSAS

O empreendimento de Sócrates, segundo Bruno Guimarães (2014), não pode sempre contar com o conhecimento genuíno, e por isso é necessário que a maiêutica seja antecedida pela confutação: um “laxante” da alma, em prol de preparar o corpo a aprender de fato o que à alma é ensinado. Sem essa purgação da alma, tudo que por ventura passe a ser conhecido cai em contradição, em falsidade ou simplesmente não se sustenta; nem mesmo a matemática, ciência na qual Teeteto é mestre, chega a ser confiável sem essa purgação. Esse procedimento, pode-se depreender das palavras de Guimarães (2014), devia repetir-se à exaustão, e isso constituir-se-ia nos históricos eventos em que Sócrates confutava os sofistas para descobrir, no mais das vezes, que aquilo que eles assumiam como verdade ou convicção sempre era passível de ser falso, quimérico ou absurdo. Faz-se necessário, portanto, que haja um rigor e uma coerência no discurso, o que só é previsto pela verdade; a maiêutica funciona como um farol que iluminará a alma para o caminho do conhecimento.

Sócrates e Teeteto escolhem buscar uma definição de conhecimento abordando a opinião, que, aparentemente, pode definir-se como conhecimento. Porque uma das potencialidades próprias da alma é o julgamento ou a opinião. Em termos de tomar contato com a realidade, há opiniões falsas e verdadeiras: as falsas não coincidem com o conhecimento e as verdadeiras, pelo menos a princípio, coincidem com ele. Se um homem forma opiniões, necessariamente elas dirão respeito ao saber ou ao não saber.

Ao formar-se uma opinião falsa, por exemplo, imagine-se que uma maçã é uma laranja e que uma laranja é uma maçã, tornando falso o caráter existencial das coisas, ou tomando as coisas que se sabe não pelo que elas são, mas pelo que o homem já conhece: tais são as possíveis confusões intelectuais que introduzem as questões que, de modo geral, no *Teeteto*, passarão a ser investigadas sob a luz da maiêutica. Ou seja, aquilo que é falso, confuso, contraditório e até mesmo a opinião verdadeira é resultado da atividade de parto intelectual que Sócrates estabelece com *Teeteto*.

Considerando que é impossível uma certificação de que uma coisa que um homem conhece seja realmente conhecida por ele, ou garantir que ele realmente não sabe o que diz não saber, conclui-se que a opinião falsa é impossível de ser produzida, pois que o homem detido por ela ou crê conhecer tudo ou se revela não saber tudo. Nessa esteira, segundo Sócrates, “[...] não será o caso de crer que o que sabe é o mesmo que não sabe, nem o que não sabe é o que sabe” (188c). O homem que imagina que sabe de alguma coisa nada mais está fazendo do que crer nela, sendo isto a sua opinião: ele crê em um conhecimento de modo tal que se arroga a excluir um conhecimento que poderia residir em sua alma como sendo realmente conhecimento; esta é a primeira explicação para se entender a natureza das falsas crenças. A maiêutica faz nascer um conhecimento que, além de não ser verdadeiro, posto ser uma crença, está solidificado na alma humana.

Sócrates também procura investigar como se dá a opinião falsa no homem; como ela surge e o porquê de ela surgir. Diferentemente do enfoque dado anteriormente, no

exame do saber e não saber sob o qual o homem constitui opiniões falsas e verdadeiras, pode-se também pensar o que é conhecimento sob o aspecto do ser e não-ser. Uma questão elementar sobre isso pode ser assim formulada: é possível que se pense o que não existe sobre o absoluto ou sobre alguma coisa determinada? A resposta é positiva. Todavia, acredita em uma falsidade todo homem que se põe a pensar naquilo que não existe. Pensar o ser e o não-ser profundamente nos faz refletir se é possível mesmo pensar em alguma coisa que não existe; e pensar-se o não existente é pensar em nada, ou não pensar. Segundo Eleandro Luís Zeni (2012), essa passagem do *Teeteto* só mostra duas coisas: que Sócrates está analisando um juízo incorreto chamado *alldoxia*, que consiste em uma confusão na alma que a leva a uma substituição de uma coisa pela outra, o que constitui um equívoco em seu interior. Conclui Zeni (2012), então, que a *alldoxia* por si mesma não leva ao falso: o que leva a ele é considerar a equivalência entre não existir e não-ser sem referência a uma realidade externa; para resolver isso, é necessário que o pensamento pense em ambas as coisas sucessiva ou simultaneamente.

Por outro lado, para afirmar que quem opina sobre nada opina igualmente sobre tudo, pois a indeterminação do nada tem o mesmo caráter da indeterminação do tudo, Sócrates diz que “não é possível, portanto, opinar o que não é nem sobre o que é, nem em si e por si. [...] Consequentemente, opinar coisas falsas é diferente de opinar o que não é” (189b). Quando o homem opina coisas falsas, ele tem noção do campo do conhecimento em que sua alma está atuando; diferente de quando ele opina o que não é, pois, neste caso,

está apenas negando, ontologicamente, a realidade. Disso se depreende que as coisas opinadas não guardam relação nenhuma com o ser propriamente dito, nem com a verdade — que são as essências, em si e por si. Ao contrário das essências, que revelam as coisas tal como elas são, as opiniões falsas se designam por um equívoco no pensamento: é uma consideração de algo pensado como existente como sendo outra coisa que não aquela que é por ele considerada. Teeteto, concordando com Sócrates sobre essa designação do que é opinião falsa, complementa: “de facto, sempre que alguém opina o feio em vez do belo, ou o belo em vez do feio, está verdadeiramente a opinar falsidades” (189c). Pensar o feio como o que é belo, ou uma coisa bela como o que é feia, significa conspurcar o pensamento; logo, a opinião falsa conspurca o pensamento, ainda que este seja precedido por uma espécie de diálogo, com perguntas e respostas, para afirmar ou negar alguma coisa.

Mas o julgamento ou a opinião e a crença são igualmente resultado do pensamento — que se define por um discurso da alma consigo mesma — “de modo que, sem dúvida”, diz Sócrates, “chamo opinar a fazer um discurso e à opinião um discurso dito e dirigido não a outra pessoa, em voz alta, mas em silêncio e a nós mesmos” (190a). Daqui se pode extrair a seguinte conclusão: é um louco o homem que, silenciosamente pensando, produz uma opinião e ainda tenta estabelecê-la na realidade, como se esta tivesse que se amoldar àquilo que a sua alma concebeu, ao pensar, como opinião. Evidentemente, só poderá estar falsa a sua opinião, visto que a essência, a realidade em si e por si mesma, não

está sendo tomada como fundamento do desenvolvimento, pelo pensamento, dessa opinião.

Partindo do fato de que dialogar é um discurso interno no homem, como já definiu Sócrates, cabe a seguinte digressão: se no pensamento se apreende dois objetos e se se imagina cada um deles, é impossível que o homem diga ou imagine que um é outro; mas o homem imagina que um é o outro quando ele pensa em uma coisa sem cogitar de outra: se ele pensa o que é o belo, por exemplo, sem cogitar do feio. Logo, mesmo que se pense só em uma coisa ou nas duas, não é possível tomar uma coisa pela outra ao se pensar. Quando um homem opina, não necessariamente troca uma coisa pela outra, ou o que nada havia pela opinião concebida. E, conforme Sócrates,

por conseguinte, ao que não opina duas coisas, nem uma delas, não é possível ter uma ‘outra opinião’. De maneira que, se alguém determinar que a opinião falsa é ‘opinar outra coisa’, não está a dizer nada, pois a opinião falsa não pode dar-se em nós nem assim, nem do modo que dissemos antes (190d-e).

A “outra opinião” depende de averiguar-se o que não está sendo opinado; isto pressuporia não opinar, o que seria contraditório. Então, as opiniões falsas sempre conduzem o indivíduo a desconsiderar tudo que não seja objeto de sua opinião. Essa é, pode-se dizer, uma diferente e nova explicação a respeito da natureza das crenças falsas, considerando o pensamento de modo mais preciso que a maiêutica pode proporcionar. Ela faz luzir, nesse sentido, o que é o pensamento e como ele se dá ou se executa

pelo homem, não sendo este capaz de enxergar a própria ciência a respeito da sua apreensão e conquista do que, a princípio, ele próprio chama de conhecimento, ou que é, na verdade, uma expressão da sua ignorância.

Voltando a considerar, nessa linha, a relação entre conhecer e não conhecer — a impossibilidade da tomada do que se sabe pelo que não se sabe — Sócrates revela ser possível tal argumentação no campo do conhecimento que pode ser definido como verdadeiro, não apenas no campo da falsidade que se apresenta como opinião. Ou seja, Teeteto pode ver Sócrates em uma praça, por exemplo, e imaginá-lo sendo outro; tanto isso é possível como aprender uma coisa que antes era desconhecida. Aqui Sócrates apresenta o mito da deusa Mnemosine, da qual ele formula uma metáfora fundamental para o conhecimento: a alma é dotada de um bloco de cera que permite ao homem recordar-se do que experimentou anteriormente; esta é a dádiva da Mnemosine (191d-e).

Essa metáfora serve para tentar resolver o problema da opinião falsa. Ela assim se constitui (193b-d): as impressões sensoriais são gravadas nesse bloco, de modo mais ou menos consistente, mais ou menos limpo, a depender de cada homem. Enquanto as impressões ou imagens durarem, mais a memória é capaz de lembrar-se dela. Há homens cuja imagem na cera é mais viva e duradoura, e outros cuja imagem é obscurecida e se esvai fugazmente. Do que fica impresso no bloco, o homem lembra-se e conhece desde que a imagem persista; o que se apaga corresponde ao que foi ignorado ou esquecido. Quanto mais indistintas

e indefinidas as imagens forem no bloco de cera, mais é possível o erro, a falsidade.

Pode-se, a partir disso, formular a seguinte indagação: o que o homem sabe é aquilo do que ele se lembra? Tudo indica que é positiva a resposta: o saber que é indicado pelo que está impresso na cera, na alma, equivale, de fato, àquilo que foi percebido sensorialmente. Porém, para contraditar essa resposta, Hugh Benson afirma que, “nos casos nos quais a alma se baseia somente em seus próprios recursos, podemos pensá-lo como independente do corpo e, portanto, potencialmente desencarnado, como um estado pré-natal suposto pela reminiscência”⁵. Apesar de explícita e exaustivamente não se referir à questão da reminiscência, pode-se verificar, conforme Benson, que o conhecimento nem sempre equivale àquilo que está impresso na alma; ao contrário, a reminiscência é um estatuto do conhecimento que revela a não-dependência do contato sensível com a realidade para existir a cera à qual Sócrates e Teeteto atinam.

É preciso frisar-se: o que está impresso na alma não é uma recordação ou lembrança da qual dependem as percepções e sensações; estas só permitem a entrada na cera do que passa a permanecer impresso nela. Segundo Benson (1993), a memória preserva percepções, que se instalam espontaneamente nos juízos e imagens internas e se põem à disposição de uso presente ou futuro; quando tudo funciona bem, isso torna-se uma fonte de informação completamente confiável. Nesse sentido, se um homem conhece, por meio de suas percepções, aquilo que está impresso na cera de sua alma, é impossível crer que aquilo que ele sabe extrapola

o que ele não sabe cognoscível e sensivelmente. Se houver discrepância entre sensação e conhecimento, é em função disso que a opinião falsa ocorre. Agora é possível verificar que a maiêutica aponta para a formação do conhecimento, não apenas dele em si mesmo: tanto a percepção sensorial como a cognição intelectual são, na verdade, duas faces da mesma moeda, porque podem ser confiáveis, mas também falhas na mesma medida; e porque nenhuma delas está isenta do erro, das ilusões, das fantasias e da falsidade que configuram as opiniões e crenças.

O homem que não possui o conhecimento verdadeiro jamais poderá, evidentemente, afirmar que sabe ou conhece algo. Isso implica, no campo da percepção, que é impossível ao homem imaginar que a percepção real seja diferente da coisa percebida; percebendo alguma coisa, ele se limita o seu campo sensorial, sendo por isso impossível que o que não foi percebido seja considerado o que não foi percebido; em última instância, é impossível que o que não foi percebido “seja”, já que é falso considerar que as sensações sejam base única do conhecimento. Nesse sentido, é impossível confundir a coisa a ser conhecida, percebida e conservada no bloco de cera, segundo a exposição de Sócrates, com aquilo que já se sabe e já se percebe, ou com aquilo que não se sabe e não se percebe. Ademais, a natureza das crenças falsas, manifestada pelas opiniões falsas, não está perfeitamente revelada em todas essas possibilidades apresentadas, ainda que o método dialético pergunta-resposta de Sócrates em vista do que é requerido inicialmente em um diálogo tenha sido método fundamental até aqui. Mas a maiêutica é bastante importante e reveladora a esta altura: ela

mostra que o bloco de cera, apresentado por Sócrates, é um símile questionável (dialeticamente) e passível de diversos exames, sem os quais o próprio conhecimento seria embolado e enevoadado; a maiêutica revela, portanto, diversas contradições da alma consigo mesma ao dialogar, sobretudo se encontra objetos novos nos quais pensar.

Mais uma vez é possível notar, no *Teeteto*, como a alma é confundida em meio ao diálogo: são casos em que se forma opiniões falsas quando o homem toma as coisas conhecidas por outras conhecidas e percebidas; ou se tomam coisas conhecidas por não conhecidas, mas percebidas; ou se se confunde as coisas conhecidas e percebidas com outras coisas conhecidas e percebidas. Sobre isso Sócrates é claro, dando três casos semelhantes para a compreensão ampla do que se está expondo. O primeiro é o seguinte: “se Sócrates conhece Teodoro e Teeteto, mas não está a ver nenhum deles e não os apercebe, nunca poderia ter dentro de si mesmo a opinião de que Teeteto é Teodoro” (192e-193a). Ou seja, Sócrates pode ter gravada em si a imagem de Teeteto; ela pode apresentar-se sob diversas sensações: escutando sua voz, visualizando sua fisionomia; ela, enfim, permanece presente mesmo que não se apresente sensação nenhuma relacionada a Teeteto.

O segundo caso é o seguinte: “se eu conheço um de vocês e não conheço o outro e, se não estou a aperceber nenhum dos dois, nunca poderia crer que o que conheço é o que não conheço” (193a). Ou seja, se Sócrates apenas conhece Teeteto e não Teodoro, mas não percebe nem um nem outro, jamais pode imaginar que aquele por ele conhecido seja aquele que não conhece. E, finalmente, o terceiro caso é o seguinte: “se não conheço nenhum dos dois, nem vos estou a aperceber,

não poderia crer que o que não conheço é algum outro que não conheço” (193b). Em outras palavras, se Sócrates não conhece nem percebe Teeteto nem Teodoro, jamais poderá crer em que um deles seja outro, porque nenhum Sócrates conhece. Assim, jamais poderá formular uma opinião falsa a respeito de Teodoro, tanto no pressuposto de conhecer ou aperceber-se de ambos como no de não os conhecer, aperceber-se deles, ou no de conhecer um, mas não conhecer ou aperceber-se do outro.

Só resta a possibilidade de formar-se opinião falsa na hipótese de que Sócrates conheça Teodoro e Teeteto e tenha a impressão de ambos no bloco de cera. Isto é, se Sócrates não os percebe com muita nitidez, ele concilia a impressão de cada um de acordo com os seus traços fisionômicos, para poder reconhecê-los; entretanto, disso pode resultar um engano, na medida em que a impressão visual pode corresponder a outro que não aquele do qual se tem a impressão na memória, o que se daria pela troca de um homem por outro, ou da posição que ele ocupa no bloco de cera. Nesse ponto, Sócrates leva ao extremo a sua maiêutica, tentando, ao mesmo tempo, explicitar o quanto é falacioso o movimento intelectual, quando baseado em opiniões sem nenhuma verdade nela implícita. O bloco de cera e as consequências de seu exame que Sócrates e Teeteto fazem não são senão a síntese do tortuoso e falho trajeto de um raciocínio perpetrado pela falsidade que caracteriza a realidade percebida; esta não passa de um enxerto na alma cujo exame é invariavelmente indispensável.

Resta ainda uma hipótese que Sócrates introduz: “[...] se alguém conhece uma pessoa e está a apercebê-la, tendo o conhecimento dela na percepção, nunca vai crer que tal pessoa é outra pessoa, a qual não só conhece, como também está a aperceber, tendo também conhecimento dela na percepção” (193d-e). Essa hipótese final representa a possibilidade de conhecer ambos, mas perceber apenas um, não o outro. O que impede de o homem conciliar o que conhece à sensação correspondente. Por exemplo: se Sócrates conhece Teeteto e não Teodoro, o seu conhecimento coincide com a sua percepção dele; então, jamais poderá Sócrates confundir Teeteto com outro homem também conhecido e percebido. A opinião falsa, portanto, produz-se do seguinte modo: ter conhecimento do que foi conhecido sensorialmente sem que tal conhecimento coincida com essa sensação; é equivalente ao erro do arqueiro quando não acerta o alvo. A opinião falsa significa, de imediato, um erro na conexão entre percepção feita e conhecimento estabelecido sobre determinado objeto; porém, anteriormente, trata-se de que a cera na alma guarda a impressão de uma coisa mesmo na falta da impressão do outro, o que gera erros, também, no pensamento, pois que ele se relaciona com a impressão sensível — guardada na memória — de uma coisa que apenas está presente na sensação, mas que, na memória, acha-se ausente. Tais erros se resolveriam se nunca se conhecesse nada, o que é impossível ao intelecto humano.

Mas, como a percepção e o conhecimento fazem parte da vida humana como atividades que contatam intelecto e realidade material ou física, eles sempre se sucederão; a opinião advinda daí vai sucessivamente alternar-se,

volubilizar-se em falsa e verdadeira. Se a correspondência entre imagem da cera e objeto percebido estiver torta ou distorcida, própria de uma alma impura, sem clareza e sem densidade, sempre a opinião será falsa; e ela é verdadeira apenas quando se ajusta exatamente a cada objeto, revelando-se uma alma pura, clara e densa (194e). Esse é o momento em que Platão expõe, no *Teeteto*, as características próprias de um sábio. Sob os cuidados da maiêutica, o seu conhecimento é pleno, legítimo e capaz de debelar todas as fantasias e falsidades da realidade.

Se a cera da alma for densa e tiver a consistência adequada, o que é percebido sensorialmente grava-se nela e torna as impressões puras e duradouras na alma. Pensar bem depende disso; pensar com acerto é belo, ao passo que pensar erroneamente é feio. Quanto mais o pensamento estiver assentado sobre a alma densa e consistente, mais o homem logra formar pensamentos verdadeiros, sem jamais se confundirem com as impressões sensíveis, reais. Pois, desse modo, a alma disporá de um bloco de cera com todas as suas disposições cristalinamente, bem espaçadas e que facilmente mostram a relação que cada impressão e imagem, reclusa na alma, possuem com a correspondente marca memorial. Esse atingimento chama-se opinião verdadeira. Segundo Jayme Paviani, “a expressão ‘opinião verdadeira’ indica o saber eficaz, que é verdadeiro, porém, sem precisão e apenas ocasionalmente”⁶. Tal eficácia do alcance da opinião verdadeira, se se supõe que esta equivale à verdade, nem sempre poderá dar-se, visto que a realidade sensível assola e faz equivocar-se todo homem cujo coração é espesso e

áspero, repleto de sujo, pois, por não terem densidade, recebem impressões pouco claras.

Igualmente pouco nítido é aquele bloco de cera que Sócrates caracteriza como líquido ou úmido, por fundirem impressões e marcas memoriais com outras, o que as torna, em pouco tempo, irreconhecíveis, porque a própria correspondência, dada na alma, fica comprometida. Acerca disso, complementa Sócrates: “e, ao distribuírem o que corresponde a outra, não só veem mal, como ainda por cima ouvem e pensam mal, na maior parte das vezes. Estes são os que não só se encontram na falsidade, a respeito da realidade, como são chamados ‘ignorantes’” (195a). Eis aqui a resposta mais precisa acerca da natureza das crenças falsas, o que resulta, em última análise, na ignorância, na emissão de juízos falsos, na falta de agilidade para relacionar de imediato cada coisa com a sua marca memorial que lhe é devida; são eles, portanto, lentos e ouvem mal, além de frequentemente pensar erroneamente.

CONCLUSÃO

Teeteto é um diálogo aporético. Mas dele se depreende muitos ensinamentos, sendo a própria maiêutica o primeiro e maior deles. Considerado como protagonista, o interlocutor, no diálogo do qual participa, é cada vez mais condicionado e capacitado a responder perguntas, o que lhe torna ainda mais virtuoso em termos de educação

intelectual. Esta fundamentalmente dá luz e condições à execução ou arte fértil do que Platão denomina de dialética, a qual faz um verdadeiro e esplêndido tratamento purificador daquilo que o substrato da realidade sensível e do nosso próprio conhecimento comum, na *pólis* adquirido durante a vida, pode oferecer-nos a conhecer. No *Teeteto*, portanto, é somente sob essa execução ou arte dialética, por meio da maiêutica, que a alma se relaciona com o verdadeiro conhecimento, propriamente dito. Não se pode ignorar as opiniões e propostas à resposta que o interlocutor aponta para responder a questionamentos socráticos, pois é exatamente isso que possibilita uma clareza cada vez maior na alma que busca, sempre, a aquisição do conhecimento, tornando-se capaz de descobrir quais implicações teóricas e práticas existentes em cada impressão e opinião que norteiam e cercam a nossa vida.

NOTAS

¹Mestrado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Email: hedgarrrr@gmail.com.

²AZEVEDO, Maria Teresa. N. S. de. Da maiêutica socrática à maiêutica platônica. *Humanitas*. Coimbra. 55 (2003) 265-281. Vol. Lv. MMIII.

³Dificuldade resultante da igualdade de raciocínios contrários, colocando o espírito na incerteza e no impasse quanto à ação a empreender (JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001).

⁴Em Platão, a dialética é o processo pelo qual a alma se eleva, por degraus, das aparências sensíveis às realidades inteligíveis ou ideias. Ele emprega

o verbo *dialeghestai* em seu sentido etimológico de ‘dialogar’, isto é, de fazer passar o *logos* na troca entre dois interlocutores. A dialética é um instrumento de busca da verdade, uma pedagogia científica do diálogo graças ao qual o aprendiz de filósofo, tendo conseguido dominar suas pulsões corporais e vencer a crença nos dados do mundo sensível, utiliza sistematicamente o discurso para chegar à percepção das essências, isto é, à ordem da verdade (JAPIASSÚ & MARCONDES, 2001).

⁵BENSON, Hugh e colaboradores. *Platão*. 1. ed. Tradução Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária. 1993, p. 203.

⁶PAVIANI, J. *Filosofia e método em Platão*. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 2001, p. 181.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *História da filosofia*. 2. ed. Tradução António Borges Coelho, Franco de Sousa e Manuel Patrício. Volume I. Lisboa: Presença, 1976.

AZEVEDO, Maria Teresa. N. S. de. *Da maiêutica socrática à maiêutica platônica*. Humanitas. Coimbra. 55 (2003) 265-281. Vol. Lv. MMIII.

BENSON, Hugh e colaboradores. *Platão*. 1. ed. Tradução Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária. 1993.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

PAVIANI, J. *Filosofia e método em Platão*. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 2001.

PIMENTA, Olímpio; GUIMARÃES, Bruno; ARAÚJO, Guaracy. *Filosofia como esclarecimento*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

PLATÃO. *Teeteto*. 3. ed. Tradução Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2010.

PLATÃO. *Teeteto*. 3. ed. Tradução Carlos Alberto Nunes. Belém: Universitária, 2001. (Coleção Diálogos). Disponível em: <www.cfh.ufsc.br/~wfil/teeteto.pdf>.

SCOLNICOV, Samuel. *Platão e o problema educacional*. São Paulo: Loyola, 2006.

ZENI, E. L. *Conhecimento e linguagem: um estudo do Teeteto de Platão*. 2012. 93 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) — Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul. 2012.